

TRILHAS INTERPRETATIVAS

RECONHECENDO OS ELOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Ms. ANDRÉA CARLA DE PAIVA

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Professora do Curso de Educação Física da Universidade Salgado de Oliveira (Universo)
e Faculdade Salesiana do Nordeste (Fasne)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física *lato sensu*/
Universidade de Pernambuco (UPE)
Membro Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (Niel)
E-mail: paivad@ig.com.br

Dr^a. TEREZA LUIZA DE FRANÇA

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Professora Adjunta II do Departamento de Educação Física/
Centro de Ciências da Saúde/UFPE
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPE
Membro Pesquisadora do Niel

RESUMO

O presente estudo objetiva discutir a dimensão teórico-social na organização de trilhas interpretativas, visando à abordagem da cultura corporal e do meio ambiente, no intuito de manter intercâmbios institucionais e comunitários, concretizando políticas sociais na perspectiva do lazer enquanto fator de qualidade de vida em espaços ecológicos. O estudo surge das ações desenvolvidas em um projeto de extensão realizado no interior do curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na realização de trilhas interpretativas nos espaços do Parque Horto de Dois Irmãos em Recife (PE) com práticas lúdicas. A experiência relatada compreende que a sabedoria da natureza é a essência da interpretação ambiental, e à educação física cabe construir um paradigma que oriente as ações nesse espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Trilhas interpretativas; educação ambiental; educação física.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a natureza e a expressão corporal como linguagem têm ocupado um espaço cada vez mais amplo nos eventos científicos e nas universidades. Os discursos e as propostas sobre o trato da corporeidade não escapam do nosso cotidiano. Dos efeitos desse ir e vir são impostas exigências, com base nas transformações científicas, educacionais e tecnológicas, as quais propiciam avanços significativos para a melhoria da qualidade de vida.

Para dar conta desse desafio, torna-se necessário a construção de práticas inovadoras com a participação da sociedade, contribuindo com responsabilidades para a sua cidadania, assegurando acesso às experiências que possam reelaborar conhecimentos expressos em conceitos, atitudes e processos, imprescindíveis para a vida em sociedades complexas. Portanto, buscar no campo da sociologia a compreensão da vida social, levam-se em consideração práticas plenamente realizadas em termos de reflexividade e de incorporação dos novos conhecimentos retratados sobre a corporeidade.

O presente estudo tem como objetivo discutir a dimensão teórico-social na organização de trilhas interpretativas, visando à abordagem da cultura corporal e o meio ambiente, no intuito de manter intercâmbios institucionais e comunitários, concretizando políticas sociais na perspectiva do lazer enquanto um bem cultural produzido pela humanidade – fator de qualidade de vida em espaços ecológicos.

O estudo surge das ações de uma experiência desenvolvida num projeto de extensão realizado no curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), utilizando-se de temáticas sobre a natureza, numa dialética com diferentes tipos de linguagens, entre outras, a corporal, literária, geográfica, histórica, ambiental, para realizar práticas lúdicas, tomando como estratégia de movimento as trilhas interpretativas nos espaços do Parque Horto de Dois Irmãos em Recife (PE).

As universidades públicas vêm empreendendo esforços acadêmicos, objetivando superar equívocos e romper com visões reducionistas que enfatizam a dicotomia e a fragmentação do saber com ações interdisciplinares. Assim, os professores das disciplinas Prática de Ensino I e II e Recreação I e II, do referido curso, organizaram um projeto de extensão, numa perspectiva interdisciplinar, ampliando o horizonte sociopedagógico da ação acadêmica, materializando a inter-relação entre os pilares básicos ensino-pesquisa-extensão e assegurando à área da educação física a ampliação de seus campos de pesquisa e intervenção pedagógica. Reconhecendo, portanto, a necessidade de buscar, na produção e apropriação do conhecimento, respostas às exigências impostas pelos campos em expansão, a saber:

educação, saúde, trabalho e lazer. Nesse panorama, o trabalho interdisciplinar entre a educação ambiental e a educação física indica uma reflexão sobre todo o processo formativo.

Sendo a interdisciplinaridade um dos pressupostos da Educação Ambiental, o recurso às viagens para os estudos do meio como meio de ruptura da compartimentação do saber e para o estímulo à construção singular dos conhecimentos, facilitada pela experiência direta, coloca-se de modo privilegiado por tudo o que pode oferecer analogamente aos momentos de lazer... (SERRANO, 2000, p. 33).

Torna-se necessário, portanto, um debate e uma reflexão sobre o avanço e as possibilidades da interpretação ambiental pela sensibilização das pessoas por meio da educação física, bem como discutir sua importância no contexto da problemática ambiental peculiar a este início de século. Assim, a temática em discussão está organizada em três eixos básicos: as trilhas interpretativas como atividade potencialmente educativa; a relação existente entre as trilhas interpretativas e a educação física e o relato de experiências com a prática da trilha por meio da disciplina educação física.

TRILHAS INTERPRETATIVAS COMO PRÁTICAS DE LAZER JUNTO À NATUREZA

As práticas lúdicas junto à natureza, para além do aprendizado de explorar e preservar o meio ambiente, ampliam as relações sociais, interações e formas de comunicação. O elemento lúdico permite a cada pessoa se sentir cada vez mais segura para expor suas dúvidas e curiosidades, podendo apreender, pelas descobertas das experiências vividas, a diversidade cultural a qual vive.

Tratar o elemento lúdico nas práticas junto à natureza significa desencadear um processo de conscientização por práticas que materializem ações, como incorporação crítica e criadora e não como justaposição de informações ou de prescrições superadas. Significa pensar, de forma dialética e harmoniosa, a existência do mundo da cultura, com implicações no desenvolvimento comunitário e nas dimensões do espaço escolar, ou seja, uma transformação cultural construída coletivamente.

A educação ao ar livre, ou seja, o contato direto com a natureza, constitui-se como uma prática educacional que utiliza como recursos educativos os desafios encontrados em ambientes naturais e objetiva o desenvolvimento do ser humano (Barros, 2000). Para tanto, dimensões educativas têm sido incorporadas às atividades em ambientes naturais como passeios ecológicos, montanhismo, escotismo, escalada, arvorismo, *trekking*, entre outras tantas modalidades de práticas de lazer, principalmente por intermédio de trilhas de interpretação da natureza em parques.

A interpretação ambiental potencialmente pode traduzir-se em atividade educativa, com destaque para o contato direto com o recurso que se está interpretando. Esse contato viabiliza novas experiências, além de revelar significados com o uso de objetos originais. Assim, as trilhas são instrumentos a serem utilizados de maneira multidisciplinar, articulando diversas áreas do saber – biologia, geografia, psicologia, educação, educação física etc. –, propiciando abordagens transversais da temática ambiental, bem como a conscientização dos sujeitos envolvidos.

Um dos objetivos da interpretação deve ser sensibilizar os visitantes para a importância de preservar os recursos a serem interpretados. Isso porque o aumento do número de pessoas que buscam o contato com práticas lúdicas com os ambientes naturais, segundo Guimarães (2003), tem crescido na mesma proporção em que se agrava a necessidade de adequação dessas práticas com a conservação do lugar, haja vista o número de grupos que são formados, tanto comercialmente como voluntariamente, para vivenciar esse tipo de atividade.

Pensar sobre trilhas interpretativas exige ampliação dos horizontes sobre as possibilidades de percepção e interpretação do meio ambiente, destacando procedimentos criativos e envolventes, considerando a natureza dessas atividades. A mescla de aspectos recreativos e educativos reveste-se de um sentido especial em ambos os casos, ao despertar curiosidade, imaginação, variedade de estímulos e paisagens, informações, companheirismo, descobertas e redescobertas. A trilha interpretativa é um ambiente propício ao lazer educativo, em que o aprendizado se torna uma experiência viva.

A trilha interpretativa como um trajeto de curta distância (500 à 1.000 metros), onde buscamos otimizar a compreensão das características naturais e/ou construídas e culturais da seqüência paisagística determinada pelo seu traçado [...], com finalidades ludo-pedagógicas direcionadas à educação ambiental, ou à humanização de terapias, funcionando como fator de integração ou reintegração, de adaptação e de valoração, de tomada de consciência em relação ao meio ambiente. (GUIMARÃES, 2003, p. 23).

Esse tipo de vivência com a natureza constitui-se como atividades de sensibilização ambiental, nas quais são enfocados aspectos relativos ao sentir-se e ser parte, pois envolve atividades cooperativas e antiestressantes, tais como relaxamento, meditação, visualização de paisagens, danças circulares etc. As trilhas interpretativas, portanto, são exemplos de atividades formativas e informativas que provocam novos processos de adaptação e assimilação relativos ao desenvolvimento de experiências e de conhecimentos estruturados em relação ao meio ambiente.

Segundo Lima (1998), essas atividades devem ser fundamentadas em técnicas que proporcionem um experimentar direto, imediato, estimulado pela compreen-

são do vivido, possibilitando a ressignificação de contextos e conteúdos e as transformações do significado de experiências ambientais anteriores, alterando nossas reações, atitudes e condutas respectivas à valoração do meio ambiente e do ser humano.

Por esses olhares, os objetivos de uma trilha podem ser desdobrados em vários pontos relacionados à experiência, percepção e interpretação ambiental, mas o objetivo principal de toda ela é o resgate do significado e do valor da interação pessoa-paisagem, pois somente assim podemos entender os valores relacionados à proteção e sensibilização ambiental. Na realidade, a experiência de uma trilha ou de uma vivência é impossível de ser restrita aos conteúdos técnicos e científicos referentes aos ecossistemas envolvidos, visto que:

É sempre puro o encantamento: uma lição de sabedoria, se assim explorada, onde ao mesmo tempo em que descobrimos e reconhecemos novos aspectos ou as minúcias dos detalhes concernentes à paisagem externa, nos encontramos ainda, perplexos diante das revelações relacionadas às nossas paisagens internas (LIMA, 1998, p. 40).

Percorrer uma trilha interpretativa é descobrir nossas limitações e possibilidades, mas também descobrir as diferentes formas de pensar as relações humanas. É, portanto, muito mais que conhecer o entorno, mas refletir sobre as transformações na forma de ser. A trilha proporciona, sobretudo, os valores relativos à cooperação, soliditudes, limitações e especialidades, e convivência com as diferenças pessoais. Durante o percurso, as pessoas interagem em diferentes escolas com o meio natural, levando algo consigo, seja uma nova mentalidade, novas sensações, experiências, lembranças e novos aprendizados. É o mundo dos sentidos a ser explorado como facilitador do desenvolvimento de uma consciência crítica.

Somente é possível valorizar as experiências ambientais durante o percurso de uma trilha interpretativa como educativas e vivenciais na medida em que estejam vinculadas a uma visão ecológica na qual o sentimento de *ser parte* seja priorizado. Nesse sentido, as atividades de interpretação ambiental devem ser desenvolvidas, mobilizadas com base no desejo de reeducarmo-nos, visualizando nossas ações e nossa compreensão a respeito do meio ambiente e dos outros, propiciando mudanças de conduta e de emoções.

As trilhas, então, podem ser instrumentos pedagógicos para a educação física por meio de uma abordagem interdisciplinar, buscando incentivar a capacidade de observação e reflexão, além de apresentar conceitos e estímulo à prática investigativa (LEMES et al., 2004). A educação física, portanto, pode articular suas temáticas de ensino com a educação ambiental.

Atualmente, há uma acentuada preocupação com a complexa questão ambiental e seus desdobramentos, à medida que os principais ecossistemas do planeta se encontram ameaçados. Perante os princípios conceituais de sustentabilidade, a sociedade contemporânea confere à temática ambiental posição privilegiada, delineando temas de estudo e debate, na expectativa de configurar novos vínculos entre homens e mulheres e o ambiente natural.

Nessa perspectiva, a educação ambiental e a educação física emergem como instrumentos significativos na tomada da consciência ambiental, promovendo reflexões sobre as relações entre o ser humano e o meio ambiente, sendo necessária, portanto, a busca de opções que viabilizem tais práticas: a interpretação ambiental por meio de trilhas temáticas é uma delas.

Utilizando-se da experiência da trilha interpretativa é possível restringir esse instrumento aos conteúdos disciplinares, dada a sua natureza, o que proporciona a integração de diferentes campos do conhecimento. Assim, as trilhas interpretativas propostas pela área da educação física tornam-se uma legítima experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades propostas, enfatizando a sensibilização de percepções, interpretações e representações.

A busca por refúgios naturais e o gosto pela aventura incitam as pessoas a percorrerem caminhos, os quais possibilitem a interação com os lugares, permitindo que alternativas para trabalhos educativos em atividades de campo, com a análise de seus recursos e da interpretação de suas belezas, surjam, tornando as trilhas interpretativas ferramentas interessantes no processo de construção da cidadania ecológica, em que a educação física pode abordar essa temática em seus diferentes campos de intervenção.

Considerando que o contato com a natureza por meio de trilhas interpretativas seja uma alternativa para formar uma consciência ambiental, Wallace (1997) afirma que existem diversos valores associados ao estabelecimento de áreas naturais protegidas:

- valor de conservação de áreas representativas dos ecossistemas e manutenção da diversidade genética e dos processos ecológicos;
- valor científico e educativo, pois as áreas protegidas englobam infinitas possibilidades de aprendizado e pesquisa científica;
- valor histórico e cultural, representado pelos povos indígenas e pelo local de desenvolvimento da ocupação do território nacional;

- valor estético, que vai além da beleza cênica e é fonte de inspiração para artistas, escritores e fotógrafos;
- valor econômico, que abrange a produção de água, madeira e minerais; abrange, ainda, materiais, serviços e equipamentos para serem usados em atividades na natureza;
- valor recreativo e terapêutico, já que a natureza é componente fundamental em programas que visam ao desenvolvimento do caráter, da sanidade e da qualidade de vida das pessoas;
- valor espiritual, que representa temas como celebração, unidade e continuidade.

No contexto da educação física, todos os valores expostos devem estar articulados para o desenvolvimento de processos educativos, pois as trilhas interpretativas compactuam com os objetivos de conservação do mundo natural, já que a natureza preservada é o seu principal atrativo.

Para estabelecer os elos com a educação física, o projeto de extensão da UFPE intitulado “Trilhas sociopedagógicas junto à natureza: ação interdisciplinar com práticas lúdicas no parque Horto de Dois Irmãos” vem desenvolvendo vivências no âmbito do lazer, explorando movimentos nos quais o corpo é o centro das abordagens interdisciplinares, necessárias para as intervenções no processo de viver o meio ambiente.

As vivências no meio ambiente, com manifestações expressas das mais diversas formas, desde a caminhada até a criação de movimentos, dentre outros, saltar, girar, transportar, trepar, segurar, arremessar, contemplar, até as reflexões e discussões acerca da utilização da natureza para o desenvolvimento de um cosmético, que busque provocar conscientizações sobre o mal uso de tal árvore ou de tal mineral, devem expressar, em cada participante, o sentido e o significado do explorar e preservar a natureza e seu valor para o equilíbrio interplanetário.

Nessa direção, apontam-se as possibilidades com a educação para o meio ambiente numa perspectiva interdisciplinar, na qual a corporeidade é o eixo básico para entendimento das ciências físico-biológicas, geográfica e humana, conforme afirma Bruhns (1997) “[...] determinadas sensibilidades podem nos conduzir a formas diferenciadas de comunicação com a natureza, esta não vista em oposição, mas onde a relação corpo/universo se insere”. O grande sentido que se revela é, exclusivamente, a busca pela preservação da espécie humana.

Ao andar ou fazer trilhas, o homem está inserido nos ecossistemas, fazendo parte deles. A cada passo dado o que se estabelece são caminhos sobre o planeta.

Os caminhos traçados vão além das trajetórias programadas. Sempre haverá o início de uma caminhada, mas não cessarão a produção e acumulação das imagens, das sensações absorvidas no contato com a natureza. A organização ecológica está para a preservação da espécie humana assim como para o desenvolvimento de sua cultura.

É preciso refletir sobre essas relações que se estabelecem entre o homem e a natureza, no sentido de redimensionar o trato com parte da produção cultural desse homem. A escola, por exemplo, deve propor-se a trabalhar com atitudes e com formações de valores que denunciem o descaso com a preservação da própria espécie humana. O que está em jogo, portanto, é o contexto do sistema econômico de acumulação de renda, de exploração sem medida do planeta, cujo princípio maior é um consumo exagerado de produtos vinculados às modificações ambientais e sociais; é a preservação da vida. Portanto, encontrar possibilidades para desenvolver a educação ambiental por meio da educação física é estar consciente da preservação do planeta e, assim, da sobrevivência da espécie humana.

TRILHANDO OS CAMINHOS, RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Este estudo está inserido no projeto “Construção de diretrizes numa perspectiva interdisciplinar de ensino-pesquisa-extensão, implementação e avaliação de práticas lúdicas: qualificação da formação e intervenção de profissionais de educação física e áreas afins no âmbito do lazer enquanto campo de vivência sociocultural”, apresentado pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (Niel), tratando das dimensões acerca da corporeidade e do lazer com estudantes das escolas públicas do entorno do Parque Horto de Dois Irmãos.

Nesse contexto, foi criado o projeto “Trilhas sociopedagógicas¹ junto à natureza: ação interdisciplinar com práticas lúdicas no Horto de Dois Irmãos”, que ampliou o horizonte sociopedagógico da ação acadêmica, materializando a inter-relação entre os pilares básicos ensino-pesquisa-extensão, e assegurou à área da educação física a expansão de seus campos de pesquisa e intervenção pedagógica.

O Parque Horto de Dois Irmãos foi escolhido como local para o desenvolvimento do estudo em virtude das possibilidades de uso de seu espaço para atividades científicas ao longo de todos os momentos, pela própria UFPE e Universidade

¹ Esse termo foi utilizado para denominar o projeto, em razão de uma intensa articulação entre as disciplinas do curso de educação física, contudo, compreendemos os termos “sociopedagógicas” e “trilhas interpretativas” como a mesma coisa.

Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), além de configurar-se como um espaço reconhecido, de lazer, esporte e turismo.

Para o projeto acontecer, foi necessário delimitar o quantitativo de 160 crianças em razão das condições objetivas de tempo, espaço e material didático-pedagógico. Dessa forma, o quantitativo de vagas não atendeu e ainda não atende à demanda. As demais crianças interessadas em participar do projeto aguardam em uma lista de espera a possibilidade de entrar no grupo. O interesse das crianças em participar do projeto garantiu que não tivesse nenhuma desistência² durante todo o processo de construção e andamento do projeto.

Compondo esse universo e visando garantir ações de cunho interdisciplinar, contamos com a colaboração dos pesquisadores integrantes do Niel-UFPE e voluntários, professores do curso de licenciatura em educação física da UFPE. Esse projeto toma como referência o saber da experiência acumulado das práticas pedagógicas relacionadas à cultura corporal e ao meio ambiente, desenvolvidas no Parque das Dunas em Natal (RN), do projeto de ensino vivenciado na disciplina Prática de Ensino I e II da UFPE, e das reflexões/dos estudos das publicações relacionados ao lazer e corporeidade (BRUHNS, 1997; COSTA, 1997; CORNELL, 1997) e educação ambiental (SERRANO, 2000; GUIMARÃES, 2003).

Colaboraram com as vivências para as trilhas os estagiários e funcionários do parque, bem como os acadêmicos³ do curso de licenciatura em educação física e os alunos e professores da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tanto nas vivências como nas disciplinas parceiras do projeto, com exposições e debates sobre as experiências desenvolvidas, e nas reuniões técnico-pedagógico-científicas.

Valendo-se de diferentes enfoques, e para relatar a primeira proposta de organização dos trabalhos, o eixo norteador da ação investigativa foi o princípio metodológico da proposição crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), que norteou as vivências, materializadas nas trilhas, oficinas, festivais, excursões, com práticas lúdicas que buscaram (re)integrar o homem e a natureza. Para dar conta dessa multidimensionalidade, busca-se os princípios da pesquisa-ação (SEVERINO, 2000), favorecendo procedimentos para dar conta da problemática e das análises e interpretações dos dados.

² No estudo, consideramos desistência a opção livre e voluntária de sair do projeto sem nenhuma razão externa a ele.

³ Acadêmicos que colaboraram com os trabalhos: Ana Paula Vieira dos Santos; André Felipe da Costa Perruci; Gilberto Miranda Barbosa; Bartolomeu Lins de Barro Junior e Sandra França.

Como instrumentos para coleta de dados, privilegiamos: entrevistas e observação; fotografias; filmagens; protocolo e registros de aulas; protocolo e registros de depoimentos; protocolos e registros do processo de avaliação física. Esses dados receberam um tratamento descritivo-interpretativo, segundo análise de conversação⁴ de Coulon (1995).

Como categorias de análises foram estabelecidas: criatividade, expressão, iniciativa, coletividade, participação, autogestão, autoconfiança, auto-organização. Estas foram, sistematicamente, tratadas e analisadas por meio de fichas de acompanhamento de leitura; protocolo de observações; registros de estudos, reuniões, depoimentos.

As vivências ocorreram, sistematicamente, aos sábados das 8h00 às 12h00 com práticas variadas e trato de temáticas desenvolvidas a partir da distribuição e/ou leitura de textos, mensagens sugeridas pelo coletivo. De forma assistemática, uma vez por mês, foram realizadas trilhas noturnas (atividade já proposta pelo parque) com a participação dos visitantes do parque, como também foram programadas trilhas com a participação dos familiares, dirigentes e professores das escolas públicas envolvidas diretamente no projeto.

Esse grupo sistemático de 160 crianças foi organizado em quatro subgrupos de 40 crianças denominados: Grupo Terra; Grupo Água, Grupo Fogo e Grupo Vento. Ao término de cada trilha, o coletivo expressava verbalmente e/ou pela linguagem artística o sentido e o significado daquela vivência para sua vida. Sendo assim, o conhecimento adquirido nessas trilhas foi organizado, considerando a expressão corporal como linguagem, tendo o lúdico como categoria central do trabalho e o resgate da cultura local.

As trilhas do Parque Horto de Dois Irmãos são orientadas e traçadas pela Guarda Florestal, bem como pelos biólogos do lugar. Nesse contexto, as trilhas foram, criteriosamente, localizadas e planejadas, de modo que definissem como objetivo a conservação dos recursos naturais e a realização de experiências adequadas pelos visitantes.

A partir daí, os estudantes do curso de educação física traçaram: a) o perfil e os interesses do público-alvo – crianças do ensino fundamental I; b) o período, excluindo os meses de abril e maio, pois o projeto de extensão deveria acontecer em dez meses; c) a visita às escolas para explicar a proposta de trabalho; d) as

⁴ Tomamos as análises de conversação da etnometodologia, pois propõe estudos sobre o processo de interpretação que pode ser utilizado no dia-a-dia, buscando-se o sentido das ações uns dos outros.

melhores atividades recreativas, definindo o cronograma; e) os materiais de primeiros socorros e esportivos. Essa experiência do projeto possibilitou a construção de vivências de trilhas sobre diferentes temáticas, descritas na tabela a seguir:

PERÍODO	TEMÁTICAS	PROCEDIMENTOS
JUNHO (Nesse mês, comemora-se o Dia Mundial do Meio Ambiente, o Dia da Ecologia)	Meio ambiente: conhecer para preservá-lo	As trilhas foram realizadas levando em conta a preservação da fauna e da flora, valorizando as relações entre as pessoas, tendo como palco a natureza.
JULHO (Nesse mês, comemora-se o Dia do Engenheiro Florestal, do Bombeiro, do Agricultor, do Cooperativismo e do Amigo)	Proteção das florestas	Foi destacada a proteção das florestas dos acidentes naturais e daqueles provocados pela ação humana descuidada/irresponsável ou inconseqüente.
AGOSTO (Nesse mês, comemora-se o Dia do Folclore)	A natureza e o folclore	Foram tratadas as diferentes expressões artísticas que brincam com os mistérios da natureza e que encantam pessoas de todas as idades (pinturas, jogos, músicas).
SETEMBRO (Nesse mês, comemora-se o início da Primavera, Dia do Biólogo, da Prevenção de Desastres Naturais, da Árvore e da Fauna)	Estação das flores	Privilegiou-se o envolvimento dos pais, mães, avós e avós dos integrantes do projeto para as atividades culturais intergeracionais (jogos, brincadeiras e gincanas).
OUTUBRO (Nesse mês, as datas ecológicas referem-se ao mar, ao educador ambiental, ao Dia da Criança e do Professor)	Educação Ambiental	As trilhas contaram com a participação dos alunos e dos professores envolvidos no projeto, a partir de leituras, dramatização de textos ligados ao meio ambiente.
NOVEMBRO (Nenhuma data em especial)	O Horto e a qualidade de vida	Conhecimento e (re)conhecimento do parque associado à qualidade de vida, refletindo sobre a própria trajetória da luta para que se tornasse uma unidade de conservação ambiental.
DEZEMBRO (Dia do Pau-Brasil, da Biodiversidade, do Jardineiro, da Dec. Univ. dos Dir. Humanos e o Dia Internacional do Voluntário)	Pau-brasil e a biodiversidade	A sustentabilidade do meio ambiente e a preservação dos bens resultantes da natureza serão o norte das vivências de danças, brincadeiras e contos.
JANEIRO (Mês de Paz, Gratidão, Solidariedade e confraternização universal)	Graças à natureza	Foram contempladas ainda as datas comemorativas relativas à fotografia, aos compositores, aos terapeutas ocupacionais, aos aposentados, aos carteiros, ao riso, aos quadrinhos, ao mágico, à não-violência, à saudade, a partir da contemplação, fotos, pinturas, desenhos.
FEVEREIRO (Datas relativas ao esporte, à publicidade, à reportagem, ao livro didático, à criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama)	Aventura na natureza	Discutir as atividades vinculadas à natureza com o esporte, a aventura e a mídia. Propiciar aos participantes do projeto adentrar no coração da natureza para sentirem as emoções de um contato mais íntimo com a diversidade biológica do espaço ecológico.
MARÇO (Dia Mundial do Turismo Ecológico)	Água: fonte da vida	Considerar as datas comemorativas diretamente relacionadas com a ecologia.

As práticas lúdicas, usando essas trilhas temáticas, contribuíram sociopedagogicamente com a orientação e as vivências de práticas lúdicas junto à natureza, com jogos, contemplação, caminhadas, brincadeiras, expressão corporal, norteando princípios para consolidar atitudes de exploração e preservação ecológica, com base no conhecimento, expressão e sensibilidade corporais. Além disso, as crianças foram orientadas a escolherem um calçado já usado, por oferecer mais segurança e conforto, a não cortar caminhos e andar sempre com o grupo.

Pelos relatos dos alunos das escolas públicas, foi possível identificar que o prazer na e pela vida, expressos nas diversas dimensões de sua corporeidade, integrando o ser humano com seu meio social e com a natureza, bem como a participação na construção de um entendimento de cidadania como resultado das relações socioculturais, estabelece-se por meio de diálogos lúdicos com corporeidade, lazer e cultura.

Entre os dados levantados e discutidos no projeto, a indicação da relevância social, bem como da continuidade, foram justificadas, tanto pelos benefícios assegurados pelas possibilidades de viver a corporeidade junto à natureza numa perspectiva lúdica, com elementos da cultura corporal no âmbito da educação, como pela possibilidade de aprofundar conhecimentos.

A análise das discussões sobre essas atividades revelou a importância dos aspectos da experiência ambiental e sensibilização dos processos cognitivos, perceptivos e afetivos, além de estimularem a acuidade interpretativa relativa ao entorno, permitindo novas experiências ambientais exploratórias, desestabilização construtiva de bagagens experienciais e dos níveis de conhecimento.

As informações anteriores, que, muitas vezes, apresentam incongruências e distorções relacionadas à apreensão das realidades ambientais, influenciaram diretamente nas condições de auto-estima e bem-estar dos participantes, além da sensibilização no sentido da conservação.

A obtenção dos dados, que ampliou e aprofundou os estudos sobre a relação harmoniosa homem/natureza, trouxe elementos significativos para (re)pensar, construir e vivenciar práticas lúdicas com referência na corporeidade, natureza e cultura no âmbito da educação física, esporte e lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os dez meses de desenvolvimento do projeto, a temática central foi tratada com base em uma abordagem metodológica crítico-reflexiva, que possibilitou uma dinâmica integradora, problematizadora, interdisciplinar e lúdica, conquistando assim um (re)conhecimento científico e sociopedagógico de cada vivência realizada.

Priorizando ampliar o tempo de lazer-pedagógico do grupo participante para desenvolver e organizar as práticas lúdicas em trilhas pedagógicas, objetivando novas aprendizagens sociais, o caminho metodológico das práticas permitiu ampliar a formação acadêmica com a incorporação de conhecimentos adquiridos em atividades desenvolvidas junto à comunidade.

O projeto subsidiou a construção de trabalhos acadêmicos nas disciplinas envolvidas como também a apresentação em congressos e encontros científicos de extensão universitária; proporcionou subsídios para a elaboração de trabalhos monográficos de conclusão de curso e para a materialização da relação universidade-sociedade numa perspectiva de vivenciar práticas lúdicas junto à natureza no tempo liberado, visando à melhoria da qualidade de vida. O trato do conhecimento de forma crítica e criativa em que os atores vivenciariam práticas lúdicas voltadas para o entendimento amplo de homem/natureza.

Os conhecimentos produzidos dentro da universidade devem ser, efetivamente, utilizados na vida e pela vida. Pois, ao colocar situações problematizadoras, na busca de respostas que possam indicar soluções aos problemas sociais, viabiliza-se expandir a participação dos acadêmicos em projetos de extensão, os quais, necessariamente, devem constituir intervenções que integrem diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto sociocientífico, surgiu a intenção de (re)interar as discussões, estudos e práticas dessa atual fase do projeto, usando temas, tais como identidade cultural, estilos e qualidade de vida e relação harmoniosa homem/natureza. Daí, compreender o homem e as relações entre suas capacidades e seu lugar na sociedade, com as implicações da liberdade, com direitos/deveres, com a dignidade pessoal, respeito ao próximo, com a felicidade, com o belo, com o lúdico, com saberes multirreferenciais de áreas compartilhadas, dentre outras, sociologia, educação física, educação, psicologia, biologia. E o projeto permanece vivo até os dias de hoje.

A experiência relatada compreende que a sabedoria da natureza é a essência da interpretação ambiental. Ensinar esse saber e relacioná-lo à necessidade de construir uma consciência ambiental coletiva concerne à educação física, como também a construção de um paradigma que oriente as ações das sociedades sobre o meio ambiente.

Nesse sentido, é papel dessas práticas, portanto, criar condições para desenvolver as capacidades de convivência, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação e de auto-aceitação; de respeito e de auto-respeito; de confiança e autoconfiança, que permitem o acesso simultâneo aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Tracks of the interpretation: recognizing the links with the physical education

ABSTRACT: The aim of this text is to argue the theoretical-social dimension in the organization of tracks of the interpretation, aiming at to the boarding of the corporal culture and the environment, in intention to keep institucional and communitarian interchanges, materialize social politics in the perspective of the leisure as a factor of quality of life in ecological spaces. The study appears from the actions developed in a project of extension carried through in the interior of the Physical Education Course/UFPE Education, in the accomplishment of tracks of the interpretation in the spaces of the Horto Park of Two Brothers in Recife (PE) with practical playful. The told experience understands that the wisdom of the nature is the essence of the ambient interpretation, and the physical education fits to construct a paradigm that has guided the actions in this space.

KEY WORDS: Tracks of the interpretation; education; physical education.

Pistas interpretativas: reconociendo los elos con la educación física

RESUMEN: El presente estudio objetiva discutir la dimensión teórico-social en la organización de pistas interpretativas, visando a la abordagem de la cultura corporal y al medio ambiente, en el intuito de mantener intercambios institucionales y comunitarios, concretizando políticas sociales en la perspectiva del ocio como factor de calidad de vida en espacios ecológicos. El estudio surge de las acciones desarrolladas en un proyecto de extensión realizado en el interior del curso de la licenciatura en educación física/UFPE, en la realización de pistas interpretativas en los espacios del Parque Horto de Dos Hermanos en Recife (PE) con prácticas lúdicas. La experiencia relatada comprende que la sabiduría de la naturaleza es la essência de la interpretación ambiental, y a la educación física cabe construir un paradigma que oriente las acciones en este espacio.

PALABRAS CLAVES: Pistas interpretativas; educación; educación física.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. I. A. Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, C. (Org.). *A educação das pedras*. São Paulo: Edições Chronos, 2000. p. 85-110.

BRUHNS, H. T. (Org.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CORNELL, J. *Alegria de aprender com a natureza*. São Paulo: Companhia Melhoramentos/ Editora Senac, 1997.

COSTA, V. L. de M. (Org.). *Formação profissional universitária em Educação Física*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1997.

COULON, A. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

FRANÇA, T. L. de. Lazer, meio ambiente e envolvimento comunitário. In: ENAREL – Lazer, Meio Ambiente e Participação Humana, 11., Foz do Iguaçu, 1999. *Anais...* Foz do Iguaçu: s.ed., 1999.

_____. *Etnometodologia e estudos da corporeidade: articulações da práxis na educação: educação física no âmbito do lazer*. Natal: UFRN, 2000.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1995.

GUIMARÃES, S. T. L. Percepção e interpretação ambiental: reflexão a respeito da construção do sentido do lugar e das experiências de topofilia e topofobia. In: HISTORICAL DIMENSIONS OF RELATIONSHIP BETWEEN SPACE AND CULTURE, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: s.ed, 10-12 jun. 2003.

LEMES, E.; RODRIGUES, M.; MOURA. *Relatório do projeto de criação de 3 trilhas interpretativas como estratégia em um programa de interpretação ambiental do Parque Estadual do Itacolomi*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2004. Disponível em: <<http://www.ufop.br>>. Acesso em: 13 jul. 2006.

LIMA, S. T. Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. *Cadernos Paisagem, Paisagens III*, Rio Claro: Unesp, n. 3, p. 39-44, 1998.

PIRES, E. F. *Corporeidade e sensibilidade: o jogo da beleza na educação física escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

SERRANO, C. (Org.). *A educação das pedras*. São Paulo: Edições Chronos, 2000.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

THIOLLENT, M. *Pesquisa-Ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.

WALLACE, G. N. Turismo ecológico em Unidades de Conservación: cual es el limite? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 1., Curitiba, 1997. *Anais...* Curitiba: UFP, v. I, p. 139-149, 1997.

Recebido: 30 set. 2006

Aprovado: 17 dez. 2006

Endereço para correspondência

Andréa Carla de Paiva

Av. Beberibe, 3530 – Bloco A3 – apto. 104 – Cajueiro

Recife-PE

CEP 52130-000